
As Técnicas para Humanizar Personagens nos Textos sobre Desastres da Repórter Consuelo Dieguez¹

Gabriel Almeida do Amaral RIBEIRO²

Roberto Villar BELMONTE³

Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo apresenta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, finalizado, que teve o objetivo geral de compreender como a humanização de personagens é utilizada pela jornalista Consuelo Dieguez em reportagens sobre as tragédias de Mariana e do voo JJ3054 da TAM publicadas na revista *Piauí*. A partir da revisão bibliográfica de Martinez (2016), Pena (2013) e Vilas Boas (2003), categorias foram criadas para estudar, utilizando a metodologia da análise de conteúdo, os elementos do Jornalismo Literário nas duas reportagens. A análise inicial mostrou que sete vítimas são utilizadas na narrativa para reconstruir o desastre ambiental; e o perfil de uma dirigente da Agência Nacional de Aviação Civil estrutura a descrição da tragédia aérea de 2007 ocorrida no Aeroporto de Congonhas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; perfil jornalístico; cobertura de desastres; revista *Piauí*; análise de conteúdo.

Introdução

Compreender como ocorre a humanização dos personagens utilizados em reportagens sobre desastres da Revista *Piauí* foi o objetivo geral desta pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo no primeiro semestre de 2017 no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter. Primeiro o Jornalismo Literário é apresentado, como ele começou a ser utilizado como um recurso para fugir das amarras do jornalismo convencional e diário, com suas narrativas diretas, objetivas e com pretensão de neutralidade. O segundo tópico trata dos perfis jornalísticos, como realizar esse trabalho na prática da construção dos perfis e um pouco de sua história. Já

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduado do curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, e-mail: gabriel.amaralribeiro1@gmail.com.

³ Orientador do TCC. Professor de jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter e doutorando no PPGCOM / UFRGS, e-mail: rvillar21@gmail.com.

o terceiro apresenta a Revista Piauí, sua história, como seu criador idealizou a ideia da revista.

A análise do processo de humanização nas reportagens sobre desastres foi realizada em dois textos de autoria da repórter Consuelo Dieguez, republicados no final de 2016 no livro *Tempos instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da Piauí*, da coleção *Jornalismo Literário* da editora Companhia das Letras.

Jornalismo literário

Na história e origem do Jornalismo Literário, alguns autores dizem que ele teve início nos anos 1960. Confunde-se, nestes casos, Jornalismo Literário com uma das fases mais conhecidas e divulgadas, a do Novo Jornalismo (MARTINEZ, 2016). Um dos exemplos de publicações e um dos marcos dessa modalidade teria sido o livro *A Sangue Frio*, do escritor estadunidense Truman Capote no ano de 1965.

As verdadeiras origens do Jornalismo Literário, no entanto, remontam a uma fase mais antiga (MARTINEZ, 2016). Os profissionais do jornalismo se inspiraram em escritores do século XVII, como o autor londrino Daniel Defoe que teve fama pela publicação do livro *Robinson Crusoe*. Porém, o autor também teve outras publicações, no ano de 1722, o livro *O Diário da Peste*, no qual descrevia com detalhes a epidemia bubônica que matou, de acordo com Defoe, 100 mil pessoas na capital inglesa em 1665.

Com a consolidação do jornalismo, mais tarde, no século XIX, muitos profissionais da área passaram a publicar livros-reportagem. Segundo Martinez (2016), tais livros continham o excedente de informações que não tinham sido incorporadas nas reportagens, bem como relatos sobre viagens, expedições, etc.

No Brasil, a origem do Jornalismo Literário é outra, pelo motivo do fechamento dos portos por Portugal na época do Brasil colônia, que foi até o ano de 1808 (MARTINEZ, 2016). Essa situação teve como uma das consequências o atraso no desenvolvimento da imprensa brasileira em relação a outros países.

O primeiro exemplo [de jornalismo literário brasileiro], portanto, seria *Os Sertões*. O livro lançado em 1902 pelo engenheiro carioca Euclides da Cunha (1866-1909) foi desenvolvido ao longo de cinco anos (1897-1902). A obra contém o material excedente que Cunha colheu ao cobrir a insurreição de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1897. (MARTINEZ, 2016, p.402)

Na tentativa de enumerar os elementos do jornalismo literário, Felipe Pena (2013) criou um modelo que se denomina Estrela de Sete Pontas. São sete características fundamentais elencadas pelo autor para a categorização desse tipo de jornalismo. As sete pontas da estrela são: 1. potencializar os recursos do jornalismo; 2. ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos; 3. proporcionar visões amplas da realidade; 4. exercer plenamente a cidadania; 5. romper as correntes do lide; 6. evitar os definidores primários (autoridades governamentais); 7. e principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Além das características da estrela de sete pontas, Pena (2013) entende que o jornalismo literário está fundamentalmente ligado a uma questão linguística. O autor fala em romance-reportagem, biografia, *new journalism*, ficção jornalística e jornalismo gonzo como subgêneros do jornalismo literário.

Perfil jornalístico

Os perfis podem ter o trabalho de focar apenas alguns momentos da vida dos personagens retratados (VILAS BOAS, 2003). É uma história curta tanto no tamanho do texto quanto no tempo de validação de alguns fatos e interpretações do jornalista.

Segundo ainda o mesmo autor, perfis são de natureza autoral. Existem diversos modos de realizar as narrativas trabalhando em uma redação, por mais que digam que não é bem assim, que tudo leva uma única opção. Não tem a possibilidade que as vivências pessoais de um repórter não venham a se confundir com a temática que estiver trabalhando. A questão de querer trabalhar a objetividade é um falso problema que é difícil de erradicar na vida diária do jornalismo convencional (VILAS BOAS, 2003).

Os processos de criação, segundo o mesmo autor, são multidimensionais. Nesse trabalho são combinados cinco elementos que não podem faltar ao trabalho autoral como a memória, conhecimento, imaginação do jornalista, sínteses e sentimentos. A história realizada de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos da literatura entre outros conhecimentos. E também deve estar atento ao sentimento de quem fala. A frieza e o distanciamento são nocivos. Envolver-se com a narrativa significa sentir o que acontece na história.

As artes sempre procuraram tratar o indivíduo como um exemplar para o conhecimento da natureza humana (VILAS BOAS, 2003). Pois é difícil pensar na literatura, no cinema, novelas ou em teatro sem os personagens. E para se aproximar das realizações, os jornalistas deveriam se misturar com a arte, segundo o autor, se expondo a ela, sobretudo à literatura e suas técnicas narrativas.

Vilas Boas (2003) destaca ainda que há quatro partes que um perfil jornalístico pode conter para ficar retido na memória dos leitores. A primeira é a lembrança que flui a história de vida; a segunda é o espaço que vem a ser a geografia do encontro; a circunstância seria a terceira que representa o tal momento significativo; e a quarta seria a interação que leva a uma expressão, seja ela facial, gestual, opinativa, etc.

Os perfis jornalísticos também só podem refletir um dado instantâneo da vida (VILAS BOAS, 2003). Nesse caso são mais importantes quando eles provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência humana. Ao observar, o autor percebe que se pode realmente conservar na memória. O restante é esquecido com o tempo, ou acaba parecendo uma fotografia muito antiga.

O retrato do personagem precisa ser construído de um modo que as informações e os fatos venham interessar tanto ao leitor quanto o próprio indivíduo retratado, evitando assim duas armadilhas que o autor diz ser muito comuns, sendo as duas contrárias ao leitor e ao bom jornalismo: a primeira é quando o jornalista e sua fonte se lançam como adversários, agredindo um ao outro, sem contribuir com ideias para nada; a segunda vem a ser quando um ou outro se põe na posição de defesa, a fim de ocultar mais informações do que revelar, ou de se exhibir mais do que observar o interlocutor.

Em uma reportagem biográfica podemos utilizar um conjunto de ações e reações (VILAS BOAS, 2003). O autor se refere ao que o indivíduo fala a seu próprio respeito e também ao que ele fala sobre os outros, ou a respeito dos acontecimentos atuais que o afetam de alguma forma.

Ainda segundo o autor, muitas vezes o personagem apresenta algumas características, gestos, atitudes e pensamentos em função do momento que está passando.

Opera-se, nesse caso, com o acúmulo de indícios, que podem ou não ser contrastados com dados do passado ou projeções para o futuro (feitas pelo próprio protagonista da matéria ou outros). Claro, haverá

sempre o risco de formulações precipitadas sobre o temperamento, as ideias e o momento da pessoa. (VILAS BOAS, 2003, p.21)

Os perfis têm grande importância como gênero jornalístico, mesmo que meses ou anos depois da matéria publicada o personagem tenha mudado seus pensamentos, conceitos de vida, atitudes ou estilo (VILAS BOAS, 2003). Não tem motivo para sofrer com o fato de que até as opiniões podem mudar.

Revista Piauí

A Revista Piauí teve sua origem no mês de outubro de 2006. No Brasil, já existia o consenso de que o jornalismo impresso seria uma atividade condenada - se não ao fim imediato, a um declínio progressivo que o levaria a sua triste morte (SILVA, 2016). Os veículos de comunicação estavam diante do dilema de adiar o inevitável, tentando manter vivo, mesmo que em condições cada vez mais caras, o papel do jornal impresso, ou voltar suas finanças e atenções para a fronteira digital, apressando o fim da versão impressa para que os jornais e as revistas pudessem conhecer um novo modelo na esfera virtual. Ainda segundo o autor a expressão jornalismo diário está ultrapassada.

Sob a tirania do on-line e das redes sociais, o tempo da notícia passou a ser medido em minutos. Bombardeado por todos os lados, ininterruptamente, o leitor, por sua vez, deixou de ser mero receptor passivo das informações. O consumidor de informação agora acorda - ou, antes, mantém-se acordado - conversando com o mundo. (SILVA, 2016, p.7)

Nessa desordem havia outras questões (SILVA, 2016): o formato da nova revista era incomum, pouco prático para utilização, de difícil manuseio; os seus textos eram longos, desafiando que o tempo das pessoas é um privilégio cada vez mais disputado e escasso; as suas capas, algumas engraçadas, outras contemplativas, e quase nunca relacionadas com as reportagens de interesse no momento (esse aspecto que no ano de 2015 se alterou, quando passaram a fazer comentários políticos); a pauta, enfim, livre das divisões por área de cobertura (como política, economia, etc.), sem obrigações nem assuntos imprescindíveis, além de avessa a qualquer propósito utilitário - ninguém iria ler dicas de vida saudável ou querer aprender a aplicar seu dinheiro abrindo a Piauí.

Na cabeça do criador da Piauí, Moreira Salles, sérias questões sobre que tipo de publicação imaginava criar com sua revista (SILVA, 2016). Que tipo de público leria

essa revista? Quem faria essa revista? Essas dúvidas que Salles tinha desde que começou a pensar no assunto, pelo menos cinco anos antes da Piauí se concretizar, e que dividia essas questões com o jornalista Marcos de Sá Corrêa, que viria ser um dos editores fundadores da revista, ao lado de Dorrit Harazim e de Mario Sergio Conti, escolhido como diretor de redação.

Os perfis políticos da revista foram os responsáveis por retirar a Piauí de sua condição inicial, levando-a para fora do ambiente restrito das redações. Havia na revista, duas características que eram cobiçadas e cada vez mais raras: "tempo para apurar e espaço para escrever. Além, claro, de independência editorial, sem o que não se faz nada que valha a pena em jornalismo" (SILVA, 2016, p.).

A Revista Piauí apostava na apuração paciente e minuciosa, que requer uma coleta muito extensa de informações, contatos longos com os entrevistados e capacidade de observação - o que o personagem fala pode não ser tão significativo quanto aquilo que o jornalista vê (SILVA, 2016). Esse resultado também se deve ao processo de edição, mais intensas e mais invasivas do que fazem em outros veículos de comunicação.

Mas editar, nesse caso, significa tornar o texto mais claro e mais precioso, a prosa mais fluente e a leitura mais agradável. Editar não se confunde com editorializar, intervir na narrativa para que ela sirva a propósitos políticos, obscuros ou explícitos, e não jornalísticos, como se tornou comum em publicações do país, de forma frequentemente caricata. (SILVA, 2016, p.10)

A revista que completou onze anos em 2017 não é muito diferente daquela que seu fundador Moreira Salles idealizou na origem da Piauí (SILVA, 2016). Havia dois problemas que poderiam ser fatais para uma publicação dessa natureza: a irrelevância ou a descaracterização - a Piauí não poderia estar fora do debate público nem fazer concessões ao mercado. Tudo indica que conseguiu superar a ambos.

A construção do personagem na revista Piauí remete a uma narrativa de ficção, na qual os personagens têm seu perfil feito, com seus hábitos e gostos definidos (DRAGO, 2012). De certo modo, também é assim que o jornalismo narrativo trabalha, reportando aos leitores todo tipo de informações que possam ajudar a construir a imagem desse personagem que vem a ser entrevistado.

Corpus

Como o objetivo geral da pesquisa era compreender como a humanização dos personagens é utilizada em reportagens sobre desastres da Revista *Piauí*, foram escolhidas duas reportagens da repórter Consuelo Dieguez. A primeira sobre o caso da tragédia de Mariana, que vem a ser o maior desastre ambiental do país, segundo a própria *Piauí*; a segunda reportagem analisada é sobre o acidente do voo JJ3054 da TAM, onde a jornalista investiga as circunstâncias da tragédia de 2007 ocorrida no Aeroporto de Congonhas. Ambos foram republicadas no livro *Tempos instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da Piauí*, publicado em 2016 pela coleção *Jornalismo Literário* da Companhia das Letras.

Para a análise foram criadas três categorias para responder ao problema de pesquisa. São elas: simbolismo, imersão e fugir das fontes oficiais. A categoria Simbolismo foi criada com base em dois dos quatro recursos do Novo Jornalismo descritos por Tom Wolfe (2005), o ponto de vista da terceira pessoa e as características simbólicas. A primeira delas apresenta cada cena aos leitores por meio do olhar de cada personagem em particular na narrativa, dando ao público a sensação de estar dentro da cabeça do personagem da história, mostrando como o personagem experimenta determinada realidade descrita na narrativa. Já as características simbólicas (WOLFE, 2005) dizem respeito aos hábitos, gestos, maneira de vestir e outras características.

Estes dois recursos literários que inspiraram a criação da categoria Simbolismo também estão presentes em Lima (apud MARTINEZ, 2016): as cenas reconstruídas por diferentes pontos de vista (personagens) e a descrição de gestos, hábitos, maneiras, costumes, roupas e todos os modos que o personagem apresenta na narrativa. Os indicadores, portanto, desta categoria são: descrição das emoções dos personagens, descrição de gestos, hábitos, maneiras, costumes, roupas e todos os modos que o personagem apresenta na narrativa.

A segunda categoria criada é Imersão, inspirada em um dos dez pilares do que Edvaldo Pereira Lima (apud MARTINEZ, 2016) chamou de a alma do jornalismo literário. Para o autor, há apenas uma forma do jornalista literário ter conhecimento da

realidade. Ele precisa compreender a sua própria.

Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as instituições e os pensamentos assentarem. E então escreve. (LIMA apud MARTINEZ, 2016, p. 48).

A partir desta concepção, os indicadores da categoria Imersão criada para esta pesquisa são: quando o repórter informa no texto que esteve no local falando com os personagens e observando o ambiente, e também quando ele mostra dados pesquisados por ele em outras fontes para compreender o tema.

A terceira categoria para esta pesquisa foi baseada na obra de Felipe Pena (2013), que apresenta os elementos do jornalismo literário e o modelo criado que se denomina Estrela de Sete Pontas. Elas seriam sete características apresentadas pelo autor para caracterizar o jornalismo literário. Nessa pesquisa será a utilizada como categoria a sexta ponta da estrela: fugir das fontes oficiais. Os seus indicadores são: quando fontes não oficiais são protagonistas da reportagem ou quando fontes oficiais são apresentadas com informações que revelam aspectos ocultos pela fala oficial da fonte.

O quadro a seguir apresenta as três categorias criadas para a análise de conteúdo do corpus com seus respectivos indicadores.

Quadro 1 – Categorias de humanização e seus indicadores

Categorias	Indicadores
Simbolismo (S)	Descrição das emoções dos personagens. Descrição de gestos, hábitos, maneiras, costumes, roupas e todos os modos que o personagem apresenta na narrativa.
Imersão (I)	Quando o repórter informa no texto que esteve no local ou falando com os personagens, observando o ambiente e também quando mostra dados de pesquisa prévia sobre o tema.
Fugir das fontes oficiais (FFO)	Outras fontes não protagonistas. Fontes oficiais apresentadas com informações não oficiais. Quando fontes não oficiais são protagonistas da reportagem ou quando fontes oficiais são apresentados com informações que

	revelam aspectos ocultos pela fala oficial.
--	---

Fonte: Dados da pesquisa. Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Na formação do corpus, foi utilizada a seguinte codificação das unidades de registro: CATEGORIA_REPORTAGEM_UNIDADE DE REGISTRO_PÁGINA. Por exemplo, a codificação S_1_1_p. 131 informa que a categoria Simbolismo teve na primeira reportagem analisada a primeira unidade de registro recortada da página 131. O corpus é apresentado nos três quadros a seguir com todas as unidades de registro recortadas por categoria.

Análise

A análise do corpus confirma o uso de três técnicas de humanização: a descrição do simbolismo, a imersão da repórter e o abandono ou questionamento de fontes oficiais. Das três, a mais recorrente foi a categoria Simbolismo, com 39 unidades de registro nos oito personagens das duas reportagens analisadas, seguida da categoria Imersão com 12 unidades de registro e da categoria Fugir das Fontes Oficiais, com mais nove unidades de registro. Ao todo foram encontradas 60 unidades de registro utilizadas pela repórter Consuelo Dieguez para humanizar os personagens em suas narrativas.

As descobertas a partir da criação das três categorias para analisar as duas reportagens do corpus sugerem que a repórter Consuelo Dieguez utiliza-se de elementos do jornalismo literário para humanizar seus personagens nos textos.

Na categoria Simbolismo, foram encontrados um total de 39 unidades de registro nos dois textos estudados, 21 no primeiro e 18 no segundo. Uma das maneiras de humanizar os personagens das tragédias foi mostrar os seus sentimentos. Em vários momentos da narrativa, Consuelo Dieguez faz questão de revelá-los para os leitores, como mostram as unidades de registro a seguir.

Passado o instante de **perplexidade**, Alves anunciou: “Não sei vocês, mas eu vou avisar o meu povo”, e montou em sua moto (...) Com a mão enterrada na buzina, Alves percorreu algumas ruas, **aos gritos**: "Foge todo mundo a barragem rompeu!". (S_1_2_p.131-132).

Quando a onda voltou, eles se viram encurralados entre o mar de lama e o morro. Não havia para onde correr. **Abraçaram-se e choraram**, numa despedida. (S_1_1_p.135).

Na primeira unidade de registro, as palavras **perplexidade** e aos **gritos** utilizadas pela repórter revelam o sentimento de Paula Geralda diante da lama que invadiria Bento Rodrigues. Já na segunda unidade, **abraçaram-se e choraram** revela o sentimento de despedida quando estavam ao ponto de morrerem, pois iam ser atingidos pela onda de lama.

Após análise do recorte das unidades de registro da categoria nas duas reportagens estudadas percebe-se que o simbolismo é um elemento importante como mostrado pela repórter Consuelo Dieguez para humanizar os personagens descrevendo sentimentos dos entrevistados. A repórter mostra como os personagens se sentem durante as reportagens, os sentimentos que passaram em cada situação das narrativas, como sofrimento, alegria e outras emoções utilizadas para descrever e humanizar personagens nas reportagens de desastres.

Na categoria Imersão, foram encontradas um total de 12 unidades de registro nos dois textos estudados, sendo 8 no primeiro e 4 no segundo. Outra maneira de mostrar a humanização dos personagens das reportagens das tragédias foi a repórter se mostrar presente no local e conferir com seus próprios olhos e sua visão de mundo o que cada pessoa apresentada nos dois textos vivenciou. Consuelo Dieguez faz questão de revelar que esteve presente junto com os personagens e falou com eles, como mostra as unidades de registro a seguir.

Alves não estava deprimida. Triste, sim. Trabalhava como tratadora de animais no galpão que a Samarco montou para abrigar aqueles que sobreviveram ao desastre. Continuava indo para o serviço montada em sua moto, que ela chama de Berenice. (I_1_1_157).

Na unidade de registro da personagem Paula Geralda Alves na frase **Alves não estava deprimida. Triste, sim**, Consuelo Dieguez se mostra presente junto com a mulher aparecendo na entrevista estando no lugar com a entrevistada apresentando Paula como ela estava se sentindo depois de ter perdido sua vida em Bento Rodrigues. Com a imersão a repórter se põe na história apresentando a vida dos personagens, estando no lugar com as pessoas entrevistadas na narrativa.

Após análise do recorte das unidades de registro da categoria nas duas reportagens percebe-se que a imersão é um elemento importante como deixou claro a

repórter Consuelo Dieguez para humanizar os personagens em casos de desastres imergindo na narrativa. A repórter faz questão de dizer que esteve presente junto com os entrevistados observando cada personagem e se fazendo presente na história.

Na categoria Fugir das Fontes Oficiais, foram recortadas um total de nove unidades de registro nos dois textos estudados, três no primeiro e seis no segundo. Mais uma maneira de humanizar os personagens dos desastres foi mostrar como a repórter questiona as fontes oficiais em momentos na narrativa apresentada. Sem utilizar entrevistas técnicas ela questiona fontes de caráter oficial como estavam passando aquela situação do acidente da onda de lama que varreu as cidades por quais passou destruindo tudo que viu pela frente.

No fim da noite, o subsecretário Geraldo Abreu deixou a sede da Samarco e voltou para Mariana. No caminho, desabou uma chuva. A primeira, em muitos meses. Um agravante para uma situação já absurdamente dramática. **Abalado com os gritos das pessoas ilhadas em Bento Rodrigues (que ouvira ao cruzar o local em que estavam os homens da Defesa Civil), e preocupado com um possível rompimento das outras barragens, Abreu passou a noite em claro.** (FFO_1_1_p.140).

Na unidade de registro na frase **Abalado com os gritos das pessoas ilhadas em Bento Rodrigues (que ouvira ao cruzar o local em que estavam os homens da Defesa Civil), e preocupado com um possível rompimento das outras barragens, Abreu passou a noite em claro**, Consuelo Dieguez apresentou o Subsecretário da Secretária de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Geraldo Vitor de Abreu uma fonte oficial no primeiro texto que foi humanizado quando a repórter apresenta um questionamento de estar preocupado com as pessoas que estavam passando por más situações em suas vidas que poderiam ser impedidas se fossem feitos questionamentos sobre a barragem e ter poupados todos desse acidente.

Após análise do recorte das unidades de registro da categoria nas duas reportagens percebe-se que a categoria fugir das fontes oficiais é um elemento importante como deixou claro a repórter Consuelo Dieguez para humanizar os personagens em casos de desastres imergindo na narrativa. Importante salientar que quando a repórter decidiu, na primeira reportagem estudada sobre Mariana, contar o

desastre pelo ponto de vista das vítimas estava, na verdade, fugindo das fontes oficiais, uma das características do jornalismo literário ressaltada por Pena (2013).

As unidades de registro recortadas nesta pesquisa revelam como ela confronta e tenta humanizar as fontes oficiais entrevistadas, que não são centrais na sua narrativa. Já na segunda reportagem, ela questiona a fonte oficial durante todo o texto. A análise sugere que fontes oficiais podem ser ouvidas no jornalismo literário, desde que confrontadas pelo repórter.

Considerações Finais

Após essa pesquisa, que mostrou como a repórter Consuelo Dieguez humaniza personagens em reportagens de desastres na revista *piuí*, foi possível perceber a importância das técnicas do jornalismo literário para tratar deste tipo de tema trágico de uma maneira humanizada.

A humanização é obtida com a descrição do Simbolismo dos personagens, com a Imersão do jornalista e fugindo das Fontes Oficiais, evitando-as ou confrontando-as. Estas técnicas entrelaçadas ajudam a descrever sentimentos dos personagens, a partir da presença do jornalista no local conversando com vítimas e fugindo das fontes mais técnicas e oficiais, apresentando pessoas que perderam grande parte de suas vidas por acidentes causados por humanos.

Todas as técnicas analisadas foram encontradas em ambos os textos realizados pela repórter Consuelo Dieguez que, ao imergir na história e apresentar o ponto de vista de cada uma das sete vítimas apresentadas na primeira narrativa e uma personagem central na segunda narrativa, conseguiu descrever os sentimentos de cada um de seus personagens pela sua ótica de observação apresentando cada uma dessas categorias apresentadas nos textos.

Esta pesquisa sugere que a humanização de personagens é uma técnica do jornalismo literário que pode ser usada para proporcionar uma compreensão mais ampla de desastres, indo além dos seus aspectos técnicos. O repórter precisa compreender o que os entrevistados sentiram, então para isso precisa imergir na realidade a ser descrita. Cada uma dessas categorias e suas unidades de registro retiradas dos textos foram importantes para relacionar como Consuelo Dieguez utiliza as técnicas do jornalismo

literário para escrever suas reportagens.

As três técnicas – simbolismo, imersão e fugir das fontes oficiais - são importantes para humanizar personagens e ajudam a entrelaçar o texto. Esse trabalho sugere ainda que novas pesquisas devem ser feitas com outros textos jornalísticos sobre desastres, pois entende que a humanização dos personagens enriquece a narrativa jornalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DRAGO, Carolina Pontes de Sá. **Realidade e Piauí: Um reencontro do jornalismo literário brasileiro**. 2012. 60 p. Monografia de graduação. Grau: Bacharelado. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação. Disponível em: <literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/monografia-jornalismo-carolina-drago.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016, às 20 horas e 32 minutos.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008. 200 p.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 286 p.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das letras, 2002. 176 p.

KLACZKO, Andrea. **O Jornalismo Literário nas Revistas Piauí e Brasileiros: Em Busca da Literariedade**. 2010. 168 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Disponível em: <repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119534/klaczko_a_tcc_bauru.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jun. 2016, às 19 horas e 25 minutos.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário – tradição e inovação**. Série Jornalismo a Rigor. V.10. Florianópolis: Insular, 2016. 456 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. ed. 2. São Paulo: Contexto, 2013. 144 p.

SALLES, João Moreira. Um mergulho no jornalismo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 de jan. 2017. p. 15.

SILVA, Fernando de Barros e (Org.). **Tempos instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da piauí**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 576

p.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida; LIGÓRIO, Claudia Alice de. Jornalismo literário: O ritual da revista *piauí*. **REBEJ - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 143-172, jan. a jun. 2012.

SUZUKI JR., Matinas. **Jornalismo com H** [Posfácio]. In: HERSEY, John. Hiroshima. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. - São Paulo: Summus, 2003. - (Novas buscas em comunicação; v.69). 168 p.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. ed. 2. São Paulo: Companhia das letras, 2005. 248 p.